

# Os metapredicados ACT e AFFECT na estrutura semântica dos verbos instrumentais do PB

(ACT and AFFECT metapredicates in the semantic structure of BP instrumental verbs)

Letícia Lucinda Meirelles<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

lelumeirelles@hotmail.com

**Abstract:** In this article we take as study object the instrumental verbs from Brazilian Portuguese and their proposals of lexical representation already shown in the literature. Our motivation for this work is that these verbs take two arguments, which is not in accordance with the proposals made by some authors. Finally, we conclude instrumental verbs need different lexical representations from those already shown in the literature.

**Keywords:** verbal classes; instrumental verbs; predicate decomposition.

**Resumo:** Neste artigo, tomamos como objeto de estudo os verbos instrumentais do português brasileiro e as propostas de representação lexical já existentes para eles na literatura. A motivação para este trabalho surgiu ao observarmos que os verbos conhecidos como instrumentais possuem dois argumentos, o que não está de acordo com as propostas de alguns autores. Por fim, concluímos que esses verbos precisam de representações lexicais diferentes das existentes.

**Palavras-chave:** classes verbais; verbos instrumentais; decomposição em predicados.

## Introdução<sup>1</sup>

Na literatura, os verbos instrumentais são definidos como verbos de atividade<sup>2</sup> que contém o nome de um instrumento em seu radical verbal (KIPARSKY, 1982; LEVIN, 1993; HARLEY, 2005). Desse modo, exemplos de verbos instrumentais do português brasileiro (doravante PB) são *abandar*, *chicotear*, *esfaquear* e *espetar*, pois denotam atividades e possuem, respectivamente, os instrumentos *abano*, *chicote*, *faca* e *espeto* em seu radical.

Rappaport e Levin (1998) propõem que os verbos instrumentais do inglês constituem uma única classe verbal, uma vez que compartilham propriedades semânticas e sintáticas. Segundo as autoras, esses verbos apresentam uma estrutura semântica composta pelo metapredicado ACT, que é monoargumental, sendo modificado por uma raiz <INSTRUMENT><sup>3</sup>, o que indicaria a presença do nome de um instrumento no radical verbal dos membros da classe. Entretanto, ao analisarmos os verbos instrumentais do PB,

<sup>1</sup> A autora agradece o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (bolsa GM), a ajuda e o apoio da Profa. Márcia Cançado e os comentários dos pareceristas anônimos.

<sup>2</sup> Vendler (1967) propõe a existência de quatro classes aspectuais do tipo lexical: atividades, estados, *achievements* e *accomplishments*. Os verbos de atividade descrevem ações monoeventivas que se desenvolvem no tempo, sem ter um determinado ponto de conclusão. Vale dizer que são agentivos, dinâmicos e homogêneos, na medida em que qualquer de suas partes é da mesma natureza que o todo (DOWTY, 1979; ROTHSTEIN, 2004).

<sup>3</sup> A estrutura proposta pelas autoras pode ser observada em (30).

veremos que a estrutura proposta por Rappaport e Levin (1998) não é adequada para a representação semântica desses verbos.

Podemos perceber que os verbos instrumentais do PB são biargumentais, ou seja, pedem dois argumentos para terem seu sentido saturado, como pode ser visto nas sentenças: *o escravo abanou o rei; o capitão do mato chicoteou o escravo; o bandido esfaqueou a vítima; a professora espetou o menino*. Tal fato nos leva a pensar que o metapredicado ACT não é o mais adequado para representar a estrutura semântica desses verbos, pois deixaria de lado o argumento interno deles, uma vez que é monoargumental.

Além disso, como já apontam os trabalhos de Meirelles (2013), Meirelles e Cançado (2014) e Meirelles e Cançado (2015), podemos notar que há diferenças semânticas e sintáticas entre os verbos. Verbos do tipo *abandar* e *espetar*, por exemplo, aceitam, contrariamente a verbos do tipo *chicotear* e *esfaquear*, um outro instrumento que não seja aquele contido no nome do verbo, como em: *o escravo abanou o rei com uma folha de palmeira; a professora espetou o menino com um alfinete; \*o capitão do mato chicoteou o escravo com um arame farpado; \*o bandido esfaqueou a vítima com uma tesoura*. Isso nos mostra que os verbos instrumentais do PB não constituem uma classe unitária, já que o conceito de classe verbal está relacionado diretamente com o fato de os verbos de uma mesma classe compartilharem os mesmos comportamentos sintáticos e as mesmas propriedades semânticas (LEVIN, 1993; CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2013).

Portanto, o objetivo deste artigo é analisar as representações semânticas propostas para os verbos instrumentais na literatura e fazer um estudo de quais metapredicados e raízes seriam os mais adequados para representá-los.

Para tanto, fizemos uma coleta de todos os verbos instrumentais do PB através do dicionário de Borba (1990) e dos trabalhos de Meirelles (2013) e Meirelles e Cançado (2015), com o intuito de discutirmos qual é a estrutura argumental que melhor representa esses verbos.

Este artigo apresenta, na segunda seção, a nossa metodologia de pesquisa. Na terceira seção fazemos uma descrição do comportamento dos verbos instrumentais do PB. A quarta seção traz uma breve explicação sobre o uso da linguagem de decomposição em predicados primitivos e a quinta seção mostra como essa linguagem é utilizada nos verbos instrumentais de acordo com a literatura. A sexta seção apresenta razões para não se utilizar o metapredicado ACT na representação desses verbos no PB, enquanto a sétima seção faz o mesmo para a raiz <INSTRUMENT>. A oitava seção conclui o artigo.

## Metodologia de pesquisa

A metodologia deste trabalho consistiu em fazer uma coleta dos verbos instrumentais do PB a partir do dicionário de Borba (1990) e dos trabalhos de Meirelles (2013) e Meirelles e Cançado (2015). Coletamos todos os verbos que possuem o nome de um instrumento em seu radical verbal e que apresentam o aspecto lexical de atividade, uma vez que essas são as características dos verbos instrumentais, de acordo com a literatura. Ao todo foram agrupados 31 verbos, a saber, *abandar, açoitar, aguilhoar, alfinetar, anavalhar, apedrejar, apunhalar, arar, balear, bombardear, centrifugar, chibatar, chibatear, chicotear, escovar, esfaquear, espetar, flagelar, flechar, fuzilar, lixar, marretar, martelar, metralhar, navalhar, palitar, peneirar, pentear, pincelar, pranchar e serrar*.

A cada um dos 31 verbos analisados foi atribuída uma sentença que passou por julgamentos de aceitabilidade feitos através dos exemplos de Borba (1990), da nossa intuição como falantes e de buscas no site Google.

O uso de tal metodologia se justifica pelo cunho formalista de nossa pesquisa e pelo fato de necessitarmos manipular as sentenças com relação ao tempo, aspecto e número de argumentos que cada verbo apresenta. Além disso, como aponta Laporte (2008), a introspecção nos permite trabalhar com a evidência negativa, ou seja, com sentenças agramaticais, fator que tem sua importância reconhecida desde Chomsky (1957). Tal fato seria impossível se nossa base para coleta de dados fosse um corpus com dados reais de fala.

Nosso trabalho se justifica pelo fato de uma série de autores (PINKER, 1989; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1992, 1995 e trabalhos subsequentes; WUNDERLICH 1997; CANÇADO, 2005, 2010; CANÇADO; GODOY, 2012; CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2013; entre outros) assumir que são as propriedades semânticas presentes na entrada lexical dos itens verbais que determinam o seu comportamento sintático.

Tendo explicitado o passo a passo de nossa pesquisa, passemos agora para uma descrição do comportamento dos verbos instrumentais do PB.

## **Comportamento dos verbos instrumentais do PB**

Como vimos, entendem-se por verbos instrumentais aqueles que possuem o aspecto lexical de atividade e que contêm o nome de um instrumento em seu radical verbal. Portanto, vamos começar nossa investigação com a aplicação de alguns testes aspectuais retirados de Dowty (1979).

O primeiro teste que aplicaremos é conhecido como acarretamento com o progressivo ou paradoxo do imperfectivo. Ele diferencia os verbos de atividade dos verbos de *accomplishment*,<sup>4</sup> uma vez que os verbos do primeiro tipo apresentam acarretamento distinto dos do segundo, quando postos no progressivo. Peguemos, o verbo *construir*, tradicionalmente considerado como de *accomplishment* e o verbo *correr*, tradicionalmente considerado uma atividade, para exemplificarmos:

- (1) Ricardo estava construindo uma casa.
- (2) Henrique estava correndo.

Notemos que enquanto a sentença em (1) acarreta que Ricardo não construiu a casa, (2) acarreta que Henrique correu. Isso ocorre pelo fato de os verbos de atividade descreverem ações monoeventivas que se desenvolvem no tempo, sem ter um determinado ponto de conclusão, e serem homogêneos, ou seja, qualquer de suas partes é da mesma natureza que o todo.

Vejamos agora como os verbos instrumentais se comportam em relação a esse teste:

---

<sup>4</sup> Os verbos de *accomplishment* caracterizam-se por serem verbos bieventivos e télicos, ou seja, por indicarem uma ação que se desenvolve no tempo e possui um ponto de culminação (DOWTY, 1979).

- (3) O capitão do mato estava chicoteando o escravo.
- (4) O bandido estava esfaqueando a vítima.
- (5) O escravo estava abanando o rei.
- (6) A professora estava espetando o menino.

As sentenças de (3) a (6) acarretam que a ação foi realizada, ou seja, que o capitão do mato chicoteou o escravo, o bandido esfaqueou a vítima, o escravo abanou o rei e a professora espetou o menino. Isso evidencia que todos esses verbos denotam atividades.

Outro teste muito utilizado para diferenciar verbos de atividade de verbos de *accomplishment* é o da ambiguidade com o advérbio *quase*. Sentenças com verbos de *accomplishment*, quando acompanhadas do advérbio *quase*, geram ambiguidade devido ao fato de esses verbos serem bieventivos, o que faz com o a advérbio possa incidir no início ou no meio do evento. Já o mesmo não acontece com os verbos de atividade, pois são monoeventivos.

- (7) Ricardo quase construiu uma casa.
- (8) Henrique quase correu.

Observemos que a sentença em (7) apresenta duas leituras, uma de que Ricardo ia construir uma casa, mas desistiu antes mesmo de começar, e outra de que Ricardo começou a construir a casa, mas parou. No entanto, a sentença em (8) possui apenas a leitura de que Henrique nem começou a correr. Analisemos, pois, como os verbos instrumentais se comportam nesse teste.

- (9) O capitão do mato quase chicoteou o escravo.
- (10) O bandido quase esfaqueou a vítima.
- (11) O escravo quase abanou o rei.
- (12) A professora quase espetou o menino.

As sentenças de (9) a (12) apresentam apenas a leitura de que a ação nem começou a ser realizada, o que também aponta para o fato de esses verbos possuírem o aspecto lexical de atividade.

Outras duas classes aspectuais mostradas por Vendler (1967) e Dowty (1979) são a dos verbos de *achievement* e de estado. A classe dos verbos de *achievement* compreende verbos pontuais, que denotam processos que ocorrem e já chegaram a seu ponto final, sendo, também, caracterizados como télicos. Já a classe dos verbos de estado caracteriza-se por verbos que denotam estados que se desenrolam no tempo de maneira uniforme, em que qualquer fração do estado é igual ao estado todo.

No entanto, podemos observar que os verbos analisados não podem ser estados nem *achievements*, pois *abanar*, *chicotear*, *esfaquear* e *espetar* denotam ações que acarretam a presença de um agente e essa propriedade semântica é incompatível com tais classes.

Outra característica comum a todos os verbos instrumentais é que eles não licenciam a alternância causativo-incoativa<sup>5</sup> e não ocorrem na forma intransitiva com o apagamento do objeto:

- (13) a. \*O escravo (se) chicoteou.  
b. \*Um capitão do mato cruel chicoteia demais.

- (14) a. \*A vítima (se) esfaqueou.  
b. \*Um bandido violento esfaqueia sempre.

- (15) a. \*O rei (se) abanou.  
b. \*O escravo abana toda semana.

- (16) a. \*O menino (se) espetou.  
a. \* A professora espetava toda aula.

Além disso, todos esses verbos aceitam a passiva:

- (17) O escravo foi chicoteado pelo capitão do mato.  
(18) A vítima foi esfaqueada pelo bandido.  
(19) O rei foi abanado pelo escravo.  
(20) O menino foi espetado pela professora.

No entanto, uma diferença importante existente entre os verbos que estamos analisando está relacionada com a possibilidade de adjungirmos um outro instrumento na sentença, que não seja aquele contido no radical verbal.

- (25) O escravo abanou o rei com um abano de palha/ com uma folha de palmeira/ com um pedaço de papelão/ com as mãos.  
(26) A professora espetou o menino com um espeto de pau/ com uma agulha/ com um alfinete/ com um garfo.  
(27) O capitão do mato chicoteou o escravo com um chicote de espinhos/\*com um pedaço de corda/  
\*com uma vara de bambu.  
(28) O bandido esfaqueou a vítima com uma faca bem pontiaguda/\*com um canivete/ \*com uma tesoura.

Através desses exemplos, notamos que, enquanto os verbos *abanar* e *espetar* aceitam tanto a especificação de um sintagma preposicionado cognato, ou um hipônimo, como outro instrumento na posição de adjunto, verbos do tipo *chicotear* e *esfaquear* só aceitam a adjunção do primeiro tipo, de modo que, ao colocarmos um outro instrumento que não aquele contido no verbo, a sentença fica agramatical. Isso nos mostra que, enquanto os verbos *chicotear* e *esfaquear* lexicalizam o instrumento, o mesmo não acontece com os verbos do tipo *abanar* e *espetar*.

<sup>5</sup> É importante ressaltar que a alternância causativo-incoativa difere da transitivo-intransitiva. Esta última é uma alternância sintática (Ana sacudiu a toalha./ A toalha sacudiu), enquanto a denominação causativo-incoativa é uma denominação semântica para um tipo de alternância transitivo-intransitiva que ocorre apenas com verbos de mudança de estado, como João quebrou o vaso/ O vaso (se) quebrou. (AMARAL, 2010; CANÇADO; AMARAL, 2010; CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2013).

A partir daí, podemos perceber que aquilo que é amplamente tratado na literatura como verbos instrumentais, apesar de compartilharem algumas propriedades semânticas e sintáticas, não parecem constituir uma classe verbal única, uma vez que apresentam um comportamento sintático distinto entre si (MEIRELLES, 2013; MEIRELLES; CANÇADO, 2014; MEIRELLES; CANÇADO, 2015)

Na próxima seção, falaremos do conceito de estrutura argumental e de como representá-la por meio da linguagem de decomposição em predicados primitivos.

### **A linguagem de decomposição em predicados primitivos**

Segundo Rappaport e Levin (1998), na informação lexical dos verbos existem dois níveis de informação: a LCS (*lexical conceptual structure*), que corresponde ao nível semântico e a estrutural argumental que corresponde ao nível sintático. Entretanto, assumiremos, de acordo com a proposta de Cançado e Godoy (2012) e Cançado, Godoy e Amaral (2013), que o nível semântico é a própria estrutura argumental.

Para representar as propriedades semânticas dos verbos que definem as classes verbais, os semanticistas lexicais utilizam as chamadas representações lexicais, que são maneiras de formalizar o sentido dos verbos que está presente no léxico. As representações lexicais são, então, formas de se representar o conteúdo semântico lexical dos verbos através de uma metalinguagem. As propriedades semânticas que são relevantes para agrupar os verbos em classes, chamadas na literatura de propriedades semânticas sintaticamente relevantes, são as que devem estar presentes nas representações lexicais.

A representação lexical mais comum, utilizada tanto nas teorias de Interface Sintaxe-Semântica Lexical quanto em teorias sintáticas, como na Gramática Gerativa, é a representação por grades temáticas (FILLMORE, 1968; GRUBER, 1965; JACKENDOFF, 1972; CANÇADO, 2005; DOWTY, 1991; entre outros). Nas grades temáticas, as propriedades semânticas que agrupam os verbos em classes são representadas como papéis temáticos que identificam as funções semânticas dos argumentos de um verbo.

Outra forma de representação lexical é a decomposição semântica dos verbos em predicados primitivos ou decomposição de predicados. Ela parte do pressuposto de que o significado dos itens lexicais não é algo unitário, mas sim decomponível em partes menores que são chamadas de primitivos. Wunderlich (2009), por exemplo, mostra, através de verbos denominais, como é possível extrair componentes de sentido menores de palavras como *engavetar*, *enjaular*, *amanteigar* e *apimentar*. Segundo o autor, não é possível negar que dentro do significado de cada verbo citado anteriormente esteja contido o sentido de *gaveta*, *jaula*, *manteiga* e *pimenta*, respectivamente.

Essa linguagem surgiu a partir da Semântica Gerativa, com os autores McCawley (1968), Morgan (1969) e Lakoff (1970), e é utilizada em trabalhos mais atuais como forma de representação do sentido dos verbos, itens predicadores por excelência (LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1992 e trabalhos subsequentes; CANÇADO, 2010; CANÇADO; AMARAL, 2010; CANÇADO; GODOY, 2012; CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2013)

Rappaport Hovav e Levin (1998) assumem que a Gramática Universal traz um inventário das estruturas semânticas de cada classe verbal. Essa estrutura é dada através da

combinação de vários predicados primitivos ou metapredicados, os quais correspondem ao conhecimento que um falante possui sobre os diversos tipos de evento.

Os metapredicados mais utilizados na literatura são os seguintes: ACT; CAUSE; BECOME; IN; WITH; AFFECT; entre outros. O predicado ACT toma apenas um argumento para ter o seu sentido saturado, o qual deve ser um indivíduo, sendo representado, na maioria dos casos, por uma variável X. O primitivo CAUSE, que representa uma relação entre dois subeventos, pede exatamente dois argumentos desse tipo (subevento) para ser saturado. O metapredicado BECOME pede um argumento composto (CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2013), sendo este uma variável, geralmente Y, ligada a um estado que pode ser de três tipos: estado puro <STATE>; estado locativo <PLACE>; e estado possessivo <THING>. Tanto o predicado IN como o WITH pedem um argumento para terem seu sentido completo. Por fim, o metapredicado AFFECT pede dois indivíduos como argumentos, uma variável X e outra Y.

Além dos metapredicados e das variáveis, existem as raízes. Elas carregam o sentido idiossincrático dos verbos e podem ser argumentos de predicados, como <STATE>, <THING> e <PLACE>, ou modificadores de predicados, como é o caso das raízes <MANNER> e <INSTRUMENT>.

É importante ressaltar que esses rótulos servem para representar toda uma classe verbal, não um verbo específico. Um verbo como *preocupar*, por exemplo, que se encaixa dentro da classe dos verbos de mudança de estado estritamente causativos (raiz <STATE>), segundo Cançado, Godoy e Amaral (2013), trará em sua raiz a parte de seu significado que não é compartilhada com os demais verbos da classe. Assim, a raiz de preocupar seria o estado <PREOCUPADO>.

A raiz <THING>, a princípio, é característica dos verbos de *locatum*, ou verbos de mudança de posse, enquanto <PLACE> caracteriza a classe dos verbos de *location*, ou verbos de mudança de lugar — ambas as nomenclaturas são utilizadas na literatura desde Clark e Clark (1979).

A raiz <MANNER>, segundo Rappaport e Levin (1998) é própria dos verbos de maneira e, dentre estes, encontram-se verbos de movimento (e.g., *correr*, *pular*, *nadar*, etc.), verbos de modo de fala (e.g., *cochichar*, *gritar*, *sussurrar*, etc.), verbos de superfície (e.g., *varrer*, *esfregar*, *lustrar*, etc.), entre outros. Por fim, a raiz <INSTRUMENT> é específica de verbos instrumentais (RAPPAPORT; LEVIN, 1998) que são o objeto de estudo deste artigo.

A decomposição de predicados primitivos na representação lexical dos verbos instrumentais

Rappaport e Levin (1998, 2010) assumem que os verbos não estativos dividem-se em duas classes, uma em que os verbos têm como parte de seu significado a especificação do processo de um estado resultante e outra em que os verbos têm como parte de seu significado a maneira como uma ação ocorre.

A primeira classe é composta pelos verbos de resultado (e.g., *congelar*, *abrir*, *quebrar*, etc.) e a segunda, pelos verbos de maneira (e.g., *correr*, *pular*, *varrer*, etc.). Conforme as autoras, essa classificação é relevante gramaticalmente, pois essas classes

verbais apresentam padrões diferentes de realização sintática dos argumentos, incluindo a participação ou não na alternância causativo-incoativa.

Existem diferentes tipos de verbos de maneira, de acordo com Rappaport e Levin (1998). Verbos como *esfregar* e *raspar*, por exemplo, diferem-se pelo tipo de contato com uma determinada superfície que descrevem. Verbos como *correr* e *pular*, por sua vez, distinguem-se pelo modo de movimento que representam. Já verbos como *assobiar* e *gritar* são diferentes no que diz respeito ao modo de se emitir um determinado som. Entretanto, para as autoras, todos esses verbos apresentam uma mesma estrutura de predicado primitivo, que se encontra representada a seguir:

(29) manner → [X ACT <sub><MANNER></sub>]

De acordo com Levin (1993), os verbos instrumentais do inglês, como *to brush* (*escovar*), *to comb* (*pentear*), *to plow* (*arar*), *to shear* (*tosquear*), entre outros, comportam-se da mesma maneira que os verbos de superfície *to scrape* (*raspar*) e *to rub* (*esfregar*), exceto pelo fato de os primeiros estarem relacionados com um nome de um instrumento. A estrutura dada por Rappaport e Levin (1998) para os verbos instrumentais do inglês encontra-se em (30).

(30) instrument → [X ACT <sub><INSTRUMENT></sub>]

A raiz <sub><INSTRUMENT></sub>, assim como <sub><MANNER></sub>, funciona como modificador do metapredicado ACT. No entanto, na próxima seção veremos que o metapredicado ACT não é o mais adequado para a representação dos verbos instrumentais do PB.

### Por que não utilizar o metapredicado ACT

Ao observarmos o comportamento dos verbos instrumentais no PB, podemos perceber que eles estão associados a dois participantes: um agente e algo afetado pela ação, de modo que a forma intransitiva dos verbos não nos parece boa, como já mostramos anteriormente e reforçamos com os seguintes exemplos:

(31) a. O capitão do mato chicoteou o escravo.

b. \*O capitão do mato chicoteia muito.

(32) a. O bandido esfaqueou a vítima.

b. \*O bandido esfaqueava sempre.

(33) a. O escravo abanou o rei.

b. \*O escravo abana demais.

(34) a. A professora espetou o menino.

b. \*A professora espetava toda aula.

As sentenças mostradas de (31) a (34), deixam claro que o argumento interno não pode ser apagado, de modo que a forma intransitiva dos verbos gera problemas de aceitabilidade. Marantz (1984) e Cançado (2009) propõem que o argumento que se

encontra na posição sintática de objeto direto na sentença, não pode ser excluído por questões semânticas. Segundo os autores, o argumento interno tem uma relação semântica mais forte com verbo do que o argumento externo, o que nos impossibilita de apagar o primeiro, pois isso geraria a perda do sentido essencial do verbo.

Além disso, segundo Pinker (1989) e Horrocks e Stavrou (2010), apenas objetos diretos canônicos podem ser passivizados. Como vimos nos exemplos de (17) a (20) todos esses verbos aceitam a forma passiva.

Feitas tais considerações, parece-nos mais do que claro que os verbos instrumentais necessitam de um argumento interno em sua estrutura argumental e isso faz com que a proposta de Rappaport e Levin (1998) para os verbos instrumentais no inglês não sirva para os de mesmo tipo em PB. Como vimos, as autoras propõem que os instrumentais sejam representados da seguinte forma: [X ACT <sub><INSTRUMENT></sub>]. Uma possível solução seria apenas acrescentar um segundo participante Y nessa estrutura de predicados primitivos. No entanto, do ponto de vista estrutural, o metapredicado ACT pede apenas um argumento que é preenchido pela variável X.

Pereira (2009) propõe que a estrutura ideal para os verbos instrumentais seria a seguinte:

(35) v: [[<sub>EVENTO</sub> X AGIR] CAUSAR [<sub>EVENTO</sub> Y <sub>COISA/ PROPRIEDADE</sub> IR PARA Z <sub>COISA/ PROPRIEDADE</sub> ]]

A partir dessa estrutura, para uma sentença como *o bandido esfaqueou a vítima*, por exemplo, teríamos a seguinte paráfrase: o X agir causa o Y (faca) ir para Z (a vítima). Entretanto, essa representação dos verbos instrumentais também não é adequada, uma vez que nos informa que eles possuem dois subeventos que estabelecem uma relação causal entre si. Como vimos, os verbos instrumentais possuem o aspecto lexical de atividade, o que faz com que sejam necessariamente verbos monoeventivos e isso torna a estrutura em (35) inapropriada.

Desse modo, inspiradas em Jackendoff (1990) e voltando à proposta de Rappaport e Levin (1998), nossa primeira ideia é trocar o predicado ACT por AFFECT (JACKENDOFF, 1990), uma vez que esse tipo de verbo pede dois argumentos, como propomos a seguir por meio de uma estrutura usando a decomposição em predicados:

(36) [X AFFECT <sub><INSTRUMENT></sub> Y]<sup>6</sup>

No entanto, essa estrutura ainda apresenta um problema de representação, que se encontra exatamente na raiz *<INSTRUMENT>*, como veremos a seguir.

### Por que não utilizar a raiz *<INSTRUMENT>*

Como vimos na seção 1, existe uma diferença importante de comportamento sintático entre os verbos instrumentais do PB: enquanto verbos do tipo *chicotear* e *esfaquear* aceitam apenas a especificação de um PP cognato ou um hipônimo como instrumento adjunto, verbos como *abanar* e *espetar* aceitam outro instrumento como adjunto, desde que ele seja pragmaticamente compatível com a situação descrita pelo verbo. Isso nos leva a

<sup>6</sup> Godoy (2012) já trabalha com a ideia do metapredicado AFFECT aceitar um modificador.

pensar que possuir o nome de instrumento no radical verbal, não é uma propriedade relevante sintaticamente, uma vez que todos os verbos analisados os possuem, mas têm comportamento sintático distinto, o que faz com que não pertençam à mesma classe verbal.

Além disso, existe uma classe de verbos do PB, proposta por Cançado, Godoy e Amaral (2013) e conhecida como verbos de mudança de posse, que é composta por 95 verbos<sup>7</sup>, sendo que alguns deles possuem o nome de um instrumento em seu radical, como *acorrentar*, *algemar* e *enfaixar*. Todos eles acarretam que o instrumento contido no nome do verbo passa a ficar na entidade (pessoa ou coisa) denotada pelo argumento interno verbal. Isto é, em uma sentença como *o guarda acorrentou/algemou/enfaixou o prisioneiro*, temos o acarretamento de que a corrente/algema/faixa passa a ficar no prisioneiro.

Dessa forma, temos três classes distintas compostas por verbos que possuem o nome de um instrumento em seu radical, o que nos leva à conclusão de que essa não é uma propriedade relevante sintaticamente.

Outro fato que é importante mencionar é que, por pertencerem a classes distintas, os verbos do tipo *chicotear* e *esfaquear* não podem possuir a mesma representação lexical dos verbos do tipo *abandar* e *espetar*. Portanto, para os verbos do primeiro tipo, propomos trocar a raiz <INSTRUMENT> pela raiz <THING>, uma vez que instrumentos nada mais são do que objetos/coisas no mundo. Além disso, utilizando a raiz <THING>, fazemos um paralelo com a estrutura proposta por Cançado, Godoy e Amaral (2013) para os verbos de mudança de posse. As autoras propõem a seguinte estrutura para eles:

(37) v: [[X ACT<sub>VOLITION</sub>] CAUSE [BECOME Y [WITH <THING>]]]

Essa estrutura nos mostra que o argumento externo (X) desses verbos é sempre um agente, uma vez que VOLITION modifica o metapredicado ACT, enquanto o argumento interno (Y) recebe o papel temático de paciente que, por sua vez, sofreu uma mudança de posse representada por [BECOME Y [WITH <THING>]].

Além disso, como esses verbos possuem o aspecto lexical de *accomplishment*, sua representação lexical tem dois subeventos que estabelecem uma relação causal, evidenciada pelo metapredicado CAUSE, entre si.

A partir daí, nossa proposta de estrutura argumental para a classe dos verbos do tipo *chicotear* e *esfaquear* é a seguinte:

(38) v: [X AFFECT<sub><THING></sub> Y]

Fazem parte dessa classe 28 verbos, *açoiar*, *agulhoar*, *alfinetar*, *anavalhar*, *apedrejar*, *apunhalar*, *arar*, *baleiar*, *bombardear*, *centrifugar*, *chibatar*, *chibatear*, *chicotear*, *escovar*, *esfaquear*, *flagelar*, *flechar*, *fuzilar*, *lixar*, *marretar*, *martelar*, *metralhar*, *navalhar*, *palitar*, *peneirar*, *pincelar*, *pranchar* e *serrar*. O metapredicado AFFECT representa a afetação do argumento interno Y e a raiz <THING> evidencia a lexicalização de um instrumento pelo verbo. Além disso, essa estrutura é compatível com o aspecto lexical de atividade desses verbos, uma vez que possui um único evento.

<sup>7</sup> A lista completa desses verbos pode ser vista no catálogo de Cançado, Godoy e Amaral (2013).

Desse modo, a estrutura em (38) representa a estrutura argumental da classe dos verbos tipo *chicotear* e *esfaquear*. Já a estrutura semântica de um verbo específico seria:

(39) *chicotear*: [X AFFECT <sub><CHICOTE></sub> Y]

Através dessa estrutura, somos capazes de ver que o verbo *chicotear* possui um agente que afeta o argumento interno verbal usando um instrumento. As variáveis X e Y representam, respectivamente, o agente e o argumento interno afetado, o metapredicado AFFECT representa a afetação e a raiz <CHICOTE>/<THING> representa o instrumento.

Por sua vez, os verbos da classe de *abandar* e *espetar* não lexicalizam o instrumento presente em seu radical, pois aceitam outro tipo de instrumento como adjunto. Assim, vemos que o instrumento ou a coisa não são relevantes na representação semântica desses verbos, uma vez que eles parecem descrever a maneira como a ação é realizada. Portanto, baseadas nos trabalhos de Harley (2005) e Harley e Haugen (2007), que propõem que verbos instrumentais nada mais são do que verbos de maneira, nossa proposta de estrutura argumental para essa classe é a seguinte:

(40) v: [X AFFECT <sub><MANNER></sub> Y]

Fazem parte dessa classe apenas três verbos, *abandar*, *espetar* e *pentear*. No entanto, isso não quer dizer que essa classe seja composta apenas por esses verbos. O trabalho de Cançado, Amaral e Meirelles (em preparação) indica que há uma série de verbos que também fariam parte dessa classe e que acarretam a presença de um instrumento em sua estrutura conceptual, mas que não o lexicalizam, lexicalizando apenas a maneira como ocorre a afetação do objeto. São verbos como *lavar*, *afiar*, *aguar*, *regar*, *aparar*, entre outros.

A representação de um verbo específico dessa classe seria:

(41) *abandar*: [X AFFECT <sub><ABANANDO></sub> Y]

A partir dessa estrutura, somos capazes de perceber que o verbo *abandar* tem um argumento externo agente X e um argumento interno paciente Y, de modo que podemos derivar a grade temática {Agente, Paciente} da representação em (107) e (108). O modo de afetação é representado pelo metapredicado AFFECT modificado pela raiz <MANNER> e o aspecto lexical de atividade está corretamente representado pelo único evento da estrutura.

Apesar disso, tanto a estrutura em (37) como a em (40) não representam a agentividade do argumento externo da classe dos verbos do tipo *chicotear* e *esfaquear* e da dos verbos *abandar* e *espetar*, respectivamente. Todavia, essa agentividade é clara, podendo ser comprovada por vários testes propostos na literatura. Vejamos alguns deles.

Jackendoff (1990) propõe que um agente (x) ocorrerá em uma estrutura do tipo “o que o x fez foi”:

(42) O que o capitão do mato fez foi chicotear o escravo.

(43) O que o bandido fez foi esfaquear a vítima.

- (44) O que o escravo fez foi abanar o rei.  
(45) O que a professora fez foi espetar o menino.

Dowty (1979) afirma que somente agentes podem manipular um instrumento, o que faz com que sua inserção nas sentenças evidencie a agentividade do argumento externo. Isso já foi mostrado nas sentenças de (25) a (28).

Outro teste que corrobora a agentividade do argumento externo é a passivização. Segundo Jackendoff (1972), Pinker (1989) e Cançado (2005) os agentes estão relacionados com a possibilidade de passivização dos verbos. Já evidenciamos essa propriedade nos exemplos de (17) a (20).

Além disso, Jackendoff (1972) propõe que há advérbios e expressões voltadas especificamente para o sujeito, como *deliberadamente*, *intencionalmente* e *com a intenção de*. Isso evidencia o fato de o agente estar ligado à animacidade.

- (46) O capitão do mato chicoteou o escravo com a intenção de puni-lo.  
(47) O bandido esfaqueou a vítima com a intenção de matá-la.  
(48) O escravo abanou o rei com a intenção de refrescá-lo.  
(49) A professora espetou o menino com a intenção de provocá-lo.

Por fim, é sabido na literatura que verbos estritamente agentivos não aceitam uma causa como sujeito:

- (50) \*A força do capitão do mato chicoteou o escravo.  
(51) \*A violência do bandido esfaqueou a vítima.  
(52) \*O bom trabalho do escravo abanou o rei.  
(53) \*O nervosismo da professora espetou o menino.

Através desses testes, portanto, fica claro que o sujeito dos verbos que analisamos são todos agentes e isso precisa ser evidenciado dentro da estrutura de decomposição de predicado deles.

O metapredicado AFFECT foi criado por Jackendoff (1990) quando ele propôs que no estudo dos papéis temáticos existe o plano temático, que descreve a relação espacial de movimento, e o plano da ação, que descreve a relação entre agente e paciente. O AFF (notação que o autor usa para AFFECT) é a função básica do plano da ação e toma como primeiro argumento um agente e como segundo argumento, um paciente. No entanto, posteriormente, ao fazer uma comparação com o predicado CAUSE (CS, na linguagem do autor), Jackendoff (1990) propõe que devemos distinguir se o primeiro argumento do predicado AFFECT é um agente volicional ou não, uma vez que o conceito de agentividade envolve duas noções distintas: a noção de desencadeador da ação e a de agente volicional. Assim, o autor argumenta a favor da adição da notação +- VOLITION (+- VOL) como modificador de AFFECT para indicar se o agente do metapredicado é volicional ou não.

Porém, ao adicionarmos o modificador VOLITION nas estruturas em (37) e (40), teríamos duas estruturas mal formadas, uma vez que cada metapredicado pode ser modificado por apenas um item modificador.

(54) v: \*[X AFFECT <sub><THING></sub> <VOLITION> Y]

(55) v: \*[X AFFECT <sub><MANNER></sub> <VOLITION> Y]

Desse modo, propomos que o que evidencia a agentividade do argumento externo X da classe dos verbos do tipo *chicotear* e *esfaquear* (estrutura dada em 37) é a presença do instrumento na estrutura, ou seja, da raiz <THING> caracterizando um instrumento, uma vez que, segundo Dowty (1979), apenas agentes podem manipular um instrumento. Já para a classe dos verbos do tipo *abanar* e *espetar*, a agentividade do argumento externo é evidenciada pela categoria ontológica MANNER atrelada às raízes dos verbos, uma vez que Rappaport e Levin (1998) já mencionam que essa categoria está associada apenas a verbos agentivos.

Feitas todas essas considerações, cumprimos o nosso objetivo de analisar as representações semânticas propostas para os verbos instrumentais e concluímos que o metapredicado AFFECT, atrelado às raízes <THING> e <MANNER>, é o mais adequado para representá-los no PB.

### Conclusão

O nosso objetivo neste artigo foi mostrar que as propostas existem na literatura para os verbos instrumentais que os tratam como pertencentes a uma única classe verbal não são adequadas para o PB.

Mostramos que o metapredicado ACT não representa adequadamente os verbos instrumentais, uma vez que todos são biargumentais. Assim, propusemos a utilização do predicado AFFECT atrelado às raízes <THING>, no caso dos verbos *chicotear* e *esfaquear*, e <MANNER>, no caso dos verbos *abanar* e *espetar*.

Por fim, baseadas nos trabalhos de Meirelles (2013), Meirelles e Cançado (2014) e Meirelles e Cançado (a sair), terminamos o artigo frisando que verbos instrumentais é apenas um rótulo que, na verdade, diz respeito a mais de uma classe verbal. Visto isso, acreditamos, com o presente trabalho, termos contribuído para a descrição semântica dos verbos do PB e para o estudo teórico dos predicados primitivos como linguagem de representação semântica.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, L. *Os verbos de modo de movimento do português brasileiro*. 2010. Monografia (Bacharelado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2010.
- BORBA, F. (Coord.) *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo*. 2. ed. São Paulo: Editora da Unesp, 1990.
- CANÇADO, M. Posições argumentais e propriedades semânticas. *D.E.L.T.A.*, v. 21, n. 1, p. 23-56, 2005.
- \_\_\_\_\_. Argumentos: complementos e adjuntos. *ALFA*, v. 53, n. 1, p. 35-59, 2009.
- \_\_\_\_\_. Verbal alternations in Brazilian Portuguese: a lexical semantic approach. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics*, v. 3, n. 1, p. 77-111, 2010.
- CANÇADO, M.; AMARAL, L. Representação lexical de verbos incoativos e causativos no português brasileiro. *Revista da Abralin*, v. 9, n. 2, p. 123-147, 2010.

- CANÇADO, M.; AMARAL, L.; MEIRELLES, L. *Catálogo de verbos do português brasileiro: classificação verbal segundo a decomposição de predicados. Parte II – Verbos agentivos (em preparação)*. UFMG
- CANÇADO, M.; GODOY, L. Representação lexical de classes verbais do PB. *ALFA*, v. 56, n. 1, p. 109-135, 2012.
- CANÇADO, M.; GODOY, L.; AMARAL, L. *Catálogo de verbos do português brasileiro: classificação verbal segundo a decomposição de predicados. Parte I - Verbos de mudança*. 1. Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton & Co., 1957.
- CLARK, E. V.; CLARK, H. H. When nouns surface as verbs. *Language*, v. 55, p. 767-811, 1979.
- DOWTY, D. *Word meaning and montague grammar*. Dordrecht: D. Reidel, 1979.
- \_\_\_\_\_. Thematic proto-roles and argument selection. *Language*, v. 67, n. 3, p. 547-619, 1991.
- FILLMORE, C. The case for case. In: BACH, E.; HARMS, R. T. *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart, and Winston, 1968. p. 1-88.
- GODOY, L. *A reflexivização no português brasileiro e a decomposição semântica de predicados*. 2012. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) — Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2012
- GRUBER, J. S. *Studies in lexical relations*. 1965. Doctoral Dissertation – MIT, Cambridge, MA, 1965.
- HARLEY, H. How do verbs get their names? Denominal Verbs, Manner Incorporation and the Ontology of Verb Roots in English. In: ERTESCHIK-SHIR, N.; RAPPOPORT, T. *The syntax of aspect*. Oxford: Oxford University Press, p. 42-64, 2005.
- HARLEY, H.; HAUGEN, J. *Are there really two classes of instrumental denominal verbs in English?* Snippets 16, p. 6-7, 2007.
- HORROCKS, G.; STAVROU, M. Morphological aspect and the function and distribution of cognate objects across languages. In: RAPPAPORT HOVAV, M.; DORON, E.; SICHEL, I. *Lexical Semantics, Syntax, and Event Structure*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 284-308.
- JACKENDOFF, R. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge: MIT Press, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Semantic structures*. Cambridge: MIT Press, 1990.
- KIPARSKY, P. Word formation and the lexicon. In: *Proceedings of the Mid-America Linguistics Conference*, University of Kansas, p. 3-29, 1982.
- LAKOFF, G. *Irregularity in Syntax*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1970.
- LAPORTE, É. Exemplos atestados e exemplos construídos na prática do léxico-gramática. *Revista (Con)textos Lingüísticos*, v. 2, p. 26-51, 2008.
- LEVIN, B. *English verb classes and alternations: a preliminary investigation*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. The lexical semantics of verbs of motion: the perspective from unaccusativity. In: ROCA, I. *Thematic structure: its role in grammar*. Berlin: Foris, 1992. p. 247-269.

- \_\_\_\_\_. *Unaccusativity: at the syntax lexical semantics interface*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- \_\_\_\_\_. Two structures for compositionally derived events. Proceedings of SALT 9. Cornell University, Ithaca, NY: *Cornell Linguistics Circle Publications*, 1999. p. 199-223.
- \_\_\_\_\_. *Argument realization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- MARANTZ, A. *On the nature of grammatical relations*. Cambridge: MIT Press, 1984.
- MCCAWLEY, J. The role of semantics in a grammar. In: BACH, E.; HARMS, R. *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968. p. 124-169.
- MEIRELLES, L. L. *Os verbos instrumentais no português brasileiro*. 2013. Monografia (Bacharel em Letras) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2013.
- MEIRELLES, L. L.; CANÇADO, M. Verbos instrumentais: uma classe relevante gramaticalmente? *Anais do II Conel*, Universidade Federal do Espírito Santo, 2014.
- \_\_\_\_\_. Os verbos instrumentais no português brasileiro. *Revista de Estudos Lingüísticos Veredas*, Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 19, n. 2, p. 292-309, 2015.
- MORGAN, J. On arguing about semantics. *Papers in Linguistics*, v. 1, p. 49-70, 1969.
- PEREIRA, R. A. Unidade e diversidade semântica dos verbos derivados em português. *Verbal. Anuario Galego de Filoloxía*, v. 36, p. 15-46, 2009.
- PINKER, S. *Learnability and cognition: the acquisition of argument structure*. Cambridge: MIT Press, 1989.
- RAPPAPORT HOVAV, M.; LEVIN, B. Building verb meanings. In: BUTT, M.; GEUDER, W. (Ed.). *The projection of arguments: lexical and compositional factors*, CSLI Publications, Stanford, CA, 1998. p. 97-134.
- \_\_\_\_\_. Reflections on Manner/Result Complementarity. In: DORON, E.; RAPPAPORT HOVAV, M.; SICHEL, I. (Ed.). *Syntax, lexical semantics, and event structure*. Oxford, UK: Oxford University Press, 2010. p. 21-38.
- ROTHSTEIN, S. *Structuring events: a study in the semantics of lexical aspect*. Oxford: Blackwell, 2004.
- VENDLER, Z. *Linguistics in Philosophy*. Ithaca: Cornell, 1967.
- WUNDERLICH, D. Cause and the structure of verbs. *Linguistic Inquiry*, v. 28, n. 1, p. 27-68, 1997.
- \_\_\_\_\_. Lexical Decomposition. In: HINZEN, W. et al. (Ed.) *The Oxford handbook of compositionality*. Oxford: Oxford University Press, 2009.